

O amor de si em Kant

Daniel Leite Cabrera Pereira da Rosa
bolsista do CNPq

Kant compreende a ação moral como a única capaz de superar o amor de si natural, comum a todos os homens. Partindo da distinção entre dois tipos de amor de si – amor-próprio e arrogância –, tentamos primeiramente identificar as condições que devem ser satisfeitas para que uma ação possa ser classificada como moralmente louvável e, em seguida, determinar a maneira como Kant chega à sua dedução metafísica do princípio supremo da moralidade na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes* e na *Crítica da Razão Prática*.

*

A desconstrução como pensamento hipercrítico: Heranças, espectros, acontecimento.

Fabio Marchon Coube

Este texto tem como objetivo o desenvolvimento do pensamento da desconstrução sobre o tema da escritura. Através da desconstrução do signo e da noção de escritura, a intenção é trazer uma análise hipercrítica para a obra de Jacques Derrida. Para tanto, essas investigações são baseadas no que chamamos de “tradição da desconstrução”. A partir do legado filosófico de Derrida, podemos observar que o filósofo franco-argelino não pensa em destruir o pensamento metafísico, mas pensa em uma maneira de caminhar juntos, enquanto pensando além de uma crítica ou de um tipo de julgamento. Derrida convida suas vozes espectrais que aparecem em sua herança, mais de uma e menos de uma voz, pensando além de seus conceitos. Começando em uma espécie de "tradição de desconstrução", Derrida pensará sobre Heidegger, Lévinas, Nietzsche, Freud, Husserl, Saussure e outros pensadores, notando os não-ditos

para pensar e um caminho diferente. A desconstrução acontece no mundo. Como algo que acontece, nós precisamos responder este acontecimento e, sobretudo, estarmos passíveis a desconstrução do mesmo discurso.

*

Escuta e Formação do Caráter em Aristóteles

Guilherme Celestino Guilherme Santos

Nossa hipótese de trabalho é a de que o problema da formação do caráter em Aristóteles faz parte da questão grega da Paideia. Ao solucionar a questão pela fundamentação dos valores éticos no bem humano, o autor entende que as virtudes da ação humana são como uma espécie de “escuta”, respondendo de modo original a célebre questão grega “as virtudes podem ser ensinadas?”. O ensino da virtude é um problema para os gregos desde Homero, e praticamente, todo grande pensador e criador da cultura grega se dedicou com afinco à questão. A filosofia que trata das coisas humanas nasce com esse debate, Sócrates e Platão de um lado, sofistas de outro. Nosso trabalho ao assumir uma perspectiva histórica visa mostrar a posição aristotélica acerca do problema da educação do homem para as virtudes, e como esta se propõe a responder e suplantar tanto a posição socrático-platônica, como a sofística. Por outro lado, ao abordar o problema da formação do caráter do ponto de vista estritamente filosófico, nos deparamos com interpretações contemporâneas que divergem na compreensão do texto aristotélico acerca da questão da “escuta” do *lógos*. Há a tradição analítica que interpreta a questão, como que se tratando de um desenvolvimento ou aperfeiçoamento moral, centrado no “saber” de natureza prática. Há a tradição hermenêutica que remete a questão à dimensão existencial, situando a “escuta” na própria dinâmica de aparição do ser. E por fim, há a estilística, que pensa a formação pela escuta, a partir de práticas subjetivas que se estruturam segundo uma estética da existência.

A desigualdade e os conceitos fundamentais em: *Uma Teoria da Justiça* e no *Liberalismo Político* de John Rawls: A posição original, os princípios de justiça e o consenso sobreposto.

Gustavo Saboia de Andrade Reis

Pretendemos nesse trabalho dissertar sobre os conceitos fundamentais da teoria da justiça de John Rawls, a posição original, os princípios de justiça e o consenso sobreposto buscando um paralelo entre a teoria e a realidade, pensando a prática política e a filosofia política, fazendo uso de comentadores do autor. Abordaremos a representação política e sua chamada crise na contemporaneidade. Como também abordaremos a desigualdade social e o abismo entre política e cidadania. Ao final com a razão pública, o privado e o público, relacionando o que é da ordem do privado, como individual podendo ser também de grupo, ao público espaço de manifestação livre de opinião e reivindicação de direitos, e a razão pública como âmbito institucional de deliberação sob representação. O trabalho tem a presunção de ser ao mesmo tempo crítico e analítico, e sabemos que a teoria de Rawls necessita de maior precisão, mas suscitou uma série de questões que aqui oferecemos.

*

Mudando os parâmetros: Martha Nussbaum e as novas possibilidades de embasamento da igualdade

Henrique Brum

O objetivo dessa dissertação é investigar novas possibilidades teóricas que tornem possível a expansão da igualdade a grupos antes dela privados por não se encaixarem no modelo de agente racional que embasa muitas teorias políticas contemporâneas. Após escolher três desses grupos (crianças, deficientes mentais e animais) para como

parâmetro de avaliação, analiso quatro teorias políticas atuais, as de John Rawls, Ronald Dworkin, Amartya Sen e Martha Nussbaum, a fim de eleger quais delas possibilitam tal expansão preservando as conquistas do liberalismo igualitário. Argumento que apenas a última pode, apesar dos seus muitos problemas, atingir os objetivos propostos.

*

Do agir em Nietzsche a partir de um trecho da Primeira Dissertação da “Genealogia da Moral”

Luciano Gomes Brasil

Procuramos, a partir de uma passagem de mote, cuja proposição principal diz “o agir é tudo”, percorrer na obra de Nietzsche esta compreensão máxima de seu pensamento. O resultado imediato é flagrado neste caráter ativo que o filósofo buscou sempre imprimir em todos os seus livros, tornando-se um elo de toda a sua obra, que é reconhecidamente heterogênea. Por outro lado, com a compreensão do agir, Nietzsche descaracterizou o pensamento causal, a noção cartesiana do sujeito e a pretensão gnosiológica de Kant. Ao dizer que “o agir é tudo”, fez cair por terra dicotomias como a da sensibilidade/entendimento, repensou-se a estrutura predicativa do “eu penso”, e também a origem adiada da causalidade, mas sem com isso perder de vista o horizonte temático de onde surgiram suas questões: a modernidade. Diante do problema de ser moderno, apresenta-se a crítica como o ethos adequado à época. Por fim, à guisa de conclusão, a totalidade com que se traduz o agir é colocada como um “todo”; na língua de Nietzsche isto quer dizer o seguinte: não distinguir a força de sua possibilidade, ou seja, ela é toda em seu agir. Aponta-se para a intensidade medida através de qualidades e não através de quantidades meramente. Paralelamente a estas discussões, a dissertação problematiza a periodização da obra de Nietzsche, discutindo, no interior de seu pensamento, as diversas direções a que suas fases apontaram. Podemos testemunhar que a obra foi sofrendo uma

constante revisão empreendida pelo próprio autor, recolocando e refazendo as suas críticas. É lícito afirmar com segurança, ao fim e ao cabo de nossas investigações, que Nietzsche constatou haver no pensamento ocidental (no que ele chama constantemente de metafísica) a busca pelos lugares passivos, onde o que se entende por homem, sujeito, indivíduo, não possui participação ativa (dir-se-ia prática, empírica, na língua de Nietzsche isto significa: criação), e que essa busca é uma tentativa de dar conta de toda transitoriedade, o “pedacinho de terra a que se agarrar”. Podemos dizer, também, e com a mesma segurança, que toda a obra de Nietzsche – com sua heterogeneidade – está marcada por este sentido ativo do pensamento. Esta máxima está bem expressa no mote desta dissertação: o agir é tudo.

*

Realismo moral: Problemas metafísicos e epistemológicos

Marco Aurélio Caetano Oliveira

Nos últimos anos, o Realismo moral tornou-se um dos temas mais debatidos em Metaética. A posição ganhou novos membros, bem como novas abordagens, especialmente devido à comemoração do Aniversário de 100 anos de Principia Ethica. Esta Dissertação tem por objetivo investigar as recentes contribuições ao Realismo moral, em sua versão robusta. Inicialmente, apresentamos uma caracterização do Realismo moral, a fim de investigar quais são as premissas endossadas por estes filósofos, e verificamos em seguida os compromissos ontológicos que se seguem dessas premissas, a fim de descobrir qual epistemologia seria a mais adequada para esses filósofos. No segundo capítulo, lidamos com problemas ontológicos. Estamos interessados especialmente nos três argumentos destinados a rejeitar a existência de propriedades morais *sui generis*. De acordo com filósofos naturalistas, as únicas propriedades relevantes para o proferimento de juízos morais são as propriedades naturais. No entanto, não-naturalistas dizem que há uma resposta disponível para essa visão naturalista: Eles

podem aceitar que as propriedades morais sejam sobrevenientes. Elas são propriedades reais, semelhantes a outras propriedades como as econômicas, as históricas e as geológicas. A solução seria aceitar a tese da Sobreveniência, mas negar que a Constituição implique Identidade – o que minaria o projeto não-naturalista. Na busca por uma Epistemologia para o Realismo moral, deparamo-nos, inicialmente, com o problema do Ceticismo moral. Os céticos morais mais importantes são os teóricos do erro. Esses filósofos acreditam que existe um problema particular com relação ao realismo moral: Nenhuma sentença moral pode ser verdadeira, porque não existem propriedades morais. Apresentamos, em seguida, duas teorias epistemológicas. A primeira foi proposta por David Brink, que apresentou uma solução coerentista ao realismo moral, e a segunda representa uma tentativa recente, por Shafer-Landau, de propor um Confiabilismo moral. Shafer-Landau possui, na verdade, uma teoria híbrida. Para justificar as nossas crenças em os princípios morais, que são proposições auto-evidentes na forma de condicionais, é defendido um Fundacionalismo moderado, e para justificar nossas crenças morais particulares podemos propor em processos de formação de crenças confiáveis. Concluimos a apresentação desta dissertação com o que esperamos ter sido notado durante a leitura da mesma, a saber, que a Ética deve ser entendida como uma disciplina autônoma, mais especificamente, uma investigação essencialmente filosófica. A Ética não depende de qualquer ratificação ou suporte das ciências naturais. Estas ciências não têm a habilidade para explicar fatos normativos, pois eles só podem ser elucidados através de investigações filosóficas..

*

Uma Análise sobre a verdade a partir de Martin Heidegger

Rosane Abreu

A dissertação pretende fazer uma análise do que Heidegger quer dizer com verdade, através de uma releitura da questão da verdade. Para isso é necessário percorrer um caminho a partir do conceito tradicional de verdade, utilizado por todos, para conseguir chegar à verdade originária, conceito heideggeriano. Esse começo desencadeia em uma discussão a respeito da essência da verdade que culmina na liberdade. Liberdade é verdade. Ainda há o propósito de conectar a questão da verdade com a essência do homem, pois eles são intrinsecamente ligados. Procura-se enfatizar esta relação, já que é de grande importância para o tema e também para conseguir trazer o assunto para uma esfera mais próxima de todos.

